

DIFICULDADES PARA ENSINAR NA PÓS-PANDEMIA

DIFFICULTIES IN TEACHING POST PANDEMIC

DIFICULTADES EN LA ENSEÑANZA POST PANDEMIA

Nívia da Silva Lopes¹
Alexandra Moreno Pinho²

RESUMO: Este artigo tem a intenção de mostrar as dificuldades para ensinar no cotidiano escolar vivenciado no período pós pandemia, no contexto do Ensino Fundamental I do EMARM/³, depois de dois anos de aulas remotas no município de Monte Santo/Ba. Nota-se problemas para ensinar nos anos iniciais, os quais evidenciam níveis de aprendizagem defasados. A complexidade do tema explicita a diversidade de fatores, sujeitos e aspectos a serem considerados: aluno, professor, recursos, estratégia, currículo, dentre outros. Os entraves foram visíveis no cotidiano escolar com a volta do ensino presencial em 2022 nas salas superlotadas, na incoerência de dados na secretaria da escola, na falta de recurso pedagógico, na falta de materiais adequados, na falta de acompanhamento dos pais e outros. Considerando diagnósticos relacionados a escrita e ao nível cognitivo observa-se a falta de habilidades e de estimulação nas crianças. De acordo com uma narrativa autobiográfica, apoiada em uma revisão de literatura pertinente ao tema, este artigo ressalta as dificuldades no processo de alfabetização, vivenciado por uma professora que ao analisar a situação do alunado, parte da sua história de vida para tentar compreender o cenário, no período da pós pandemia.

3407

Palavras-chave: Dificuldades. Ensinar. Pós pandemia. Alunos. Escola. Alfabetização.

ABSTRACT: This article intends to show the difficulties of teaching in everyday school life experienced in the post-pandemic period, in the context of Elementary School I at EMARM/, after two years of remote classes in the municipality of Monte Santo/Ba. There are problems with teaching in the initial years, which show outdated learning levels. The complexity of the topic explains the diversity of factors, subjects and aspects to be considered: student, teacher, resources, strategy, curriculum, among others. The obstacles were visible in daily school life with the return of face-to-face teaching in 2022 in overcrowded classrooms, incoherent data at the school office, lack of pedagogical resources, lack of adequate materials, lack of support from parents and others. Considering diagnoses related to writing and cognitive level, a lack of skills and stimulation in children is observed. According to an autobiographical narrative, supported by a review of literature relevant to the topic, this article highlights the difficulties in the literacy process, experienced by a teacher who, when analyzing the situation of her students, starts from her life story to try to understand the scenario, in the post-pandemic period.

Keywords: Difficulties. Teaching. Post pandemic. Students. School. Literacy.

¹Professora da escola do EMARM/Monte Santo-BA psicopedagoga e mestranda da EDUCALER UNIVERSITY.

² Doutora em Educação (Universidade de Barcelona), Mestre em Terapia Coporal e Psicomotricidade (Universidade de Barcelona), Licenciada em Pedagogia (UCSAL), professora e orientadora da COLLEGE EDUCALER UNIVERSITY.

³ Escola Municipal de Ensino Fundamental/Monte Santo-BA.

RESUMEN: Este artículo pretende mostrar las dificultades de la enseñanza en el cotidiano escolar vividas en el período pospandemia, en el contexto de la Escuela Primaria I de la EMARM/, después de dos años de clases remotas en el municipio de Monte Santo/Ba. Hay problemas con la enseñanza en los primeros años, que muestran niveles de aprendizaje desactualizados. La complejidad del tema explica la diversidad de factores, temas y aspectos a considerar: estudiante, docente, recursos, estrategia, currículo, entre otros. Los obstáculos fueron visibles en la vida escolar diaria con el regreso de la enseñanza presencial en 2022 en aulas superpobladas, datos incoherentes en la secretaría de la escuela, falta de recursos pedagógicos, falta de materiales adecuados, falta de apoyo de los padres y otras personas. Considerando diagnósticos relacionados con la escritura y el nivel cognitivo, se observa falta de habilidades y estimulación en los niños. A partir de una narrativa autobiográfica, sustentada en una revisión de literatura relevante al tema, este artículo resalta las dificultades en el proceso de alfabetización, vividas por una docente que, al analizar la situación de sus alumnos, parte de su historia de vida para tratar de comprender el escenario, en el período pospandemia.

Palabras clave: Dificultades. Enseñanza. Post pandemia. Estudiantes. Escuela. Alfabetización.

INTRODUÇÃO

Partimos da narrativa autobiográfica de uma das autoras deste artigo⁴, a qual resulta em uma trajetória de 23 anos na docência da educação básica na rede pública de Monte Santo-Ba.

De acordo com um processo de ensino, que sempre foi, desafiador e que apresentou dificuldades no período da alfabetização, comparou-se tal característica aos aspectos que se apresentaram no período da pós pandemia. Com isso configurou-se um cenário complexo de ser compreendido e vivenciado, estimulando uma análise da história de vida de uma professora para ampliar o entendimento da situação instaurada na voltas as aulas presenciais, depois de meses fora da escola e da sala de aula.

Iniciamos a referida trajetória, destacando uma experiência profissional, a qual começou no Fundamental II e no Ensino Médio. Em 2012 começamos a jornada na Educação Infantil: Pré-escola II e III, seguindo com o Fundamental I. Atualmente lecionamos na escola EMARM e em períodos anteriores não havíamos vivenciado a significativa dificuldade de ensinar no momento da pós pandemia. Sabe-se da importância do papel do professor, mas quais os fatores que vem contribuindo para os entraves no processo de ensino e aprendizagem, no dia a dia dentro da sala de aula?

⁴ Nívia da Silva Lopes.

O nosso papel é como professora e pesquisadora que necessita mostrar os desafios diários de ensinar e os novos caminhos e métodos, os quais necessitamos inserir em nossos contextos educacionais de alfabetização e letramento. Considerando que a nossa alfabetização aconteceu em um período que reinava a educação tradicional, onde o professor era detentor do saber enquanto o aluno meramente um ser passivo (FREIRE, 1996). Particularmente, passamos por dificuldades de aprendizagem e paralelo a isso, o ensino era bastante superficial e tradicionalista.

Ao completarmos sete anos de idade, ganhamos uma cartilha de ABC, e pela primeira vez levamos à escola, para ser decorada com as letras do alfabeto maiúsculo e minúsculo, ou seja, não sabíamos o que significava e para conseguir assimilar a proposta era melhor tratar como as letras grandes e as letras pequenas, todas elas de A a Z, de forma corrida e também pulada, escolhidas pelo professor.

Na continuidade, o processo foi cruel e desumano. Após ter ocorrido o reconhecimento das letras, a professora introduzia palavras também soltas e sem nenhum contexto para que as soletrássemos e também separássemos as sílabas, num exercício repetitivo e sem sentido concreto. Exemplos: ba-na-na, co-ra-ção, etc. E desse modo, continuava, sem qualquer conexão com realidade prévia ou vivência.

E a metodologia seguia com a leitura decorada de textos, onde a professora utilizava um X para marcar exatamente a parte em que seria a lição, no mesmo dia ou no seguinte. Não sabíamos ler uma só palavra, apenas decorávamos algumas ao ouvir a professora ler. Ao tomar a lição para avaliar, a professora percebia e acabava por conservar por semanas no mesmo pedaço do texto. De tanto ser obrigada a repetir aquele pedaço de texto, a criança decorava e passava para o outro pedaço de texto. Era uma tortura, se o texto tivesse muitos parágrafos passava-se meses no mesmo texto, despedaçado sem sentido algum.

Não lembramos com qual idade de fato aprendemos a ler realmente, a decodificar as letras e as palavras adequadamente. Os relatos são de passagens da vida letiva que aconteceu no município baiano de Queimadas, na zona rural, em que moramos até 15 anos de idade. Em um cenário muito ruim, com salas sem dignidade, professores leigos e despreparados, eram comuns castigos físicos diários ao exemplo de palmatória para sabatina de leitura e matemática das quatro operações, ficar de pé no canto da parede, de joelho no milho, além dos castigos psicológicos representados por frases vindas do professor como: você não sabe nada! Você não é capaz! Você é burra!

Contudo, é nítida a lembrança de quando aprendemos a ler o mundo pela ótica do letramento. E foi no 1º ano do ensino médio com o professor de História, Filosofia, Sociologia, Química, Física é que aprendemos conteúdos sociais e humanos referentes a uma escola que deveria exercer, naquele momento, a função de escola. No entanto, foi um período muito traumático, uma vez que mudanças metodológicas foram bruscas, mas ainda, cheia de dúvidas, o desejo por aprender foi estimulado e passou-se a sonhar com o conhecimento e sua abertura para o mundo.

Mesmo estando naquele ambiente desfavorável, sonhávamos com a docência, profissão que seguimos até então, um sonho que nasceu tão real e brilhante que apesar das dificuldades no decorrer do curso de magistério⁵ permaneceu vivo, sendo que quanto menos esperávamos, o sonho de ensinar aconteceu na cidade de Monte Santo – BA, local onde lecionamos desde julho do ano 2000.

Hoje nos encontramos em um cenário diferente, com novos paradigmas e muitas dificuldades para ensinar dentro dos moldes de uma sala de aula tradicional, com crianças que sofreram com os impactos da pandemia do covid-19. Todo este processo estamos vivendo em 1ª pessoa e seremos nós professores sobreviventes, tanto da educação bancária da qual fomos formados como desta pandemia que podemos relatar, comparar e buscar novos caminhos para alfabetizar.

MÉTODOS

O presente artigo tem caráter qualitativo, realizado através de uma revisão de literatura nas bases de dados Scielo, Lilacs e Pubmed, utilizando-se as palavras-chaves: dificuldades, ensinar, alunos, escola, alfabetização. Nesta busca, consideramos valiosos os estudos (livros e artigos) de autores, publicações relevantes do período entre 1992/2023, os quais evidenciam conhecimentos visualizados na prática de uma sala de aula do ensino básico.

A narrativa autobiográfica consiste em ser um relato que envolve uma trajetória pessoal, social e cultural. A história de vida de um indivíduo é transformada em um discurso narrado, no qual o protagonista revisita situações vivenciadas e reinventa a sua própria identidade. (CARVALHO, 2003).

Na autobiografia o autor é o narrador e tais ações que acontecem ao mesmo tempo, no momento da produção do texto a pessoa realiza um autoescuta e produz uma comunicação capaz

⁵ Curso técnico de magistério já instinto

de alcançar outras pessoas, por meio de aspectos considerados relevantes de sua vida. É uma experiência composta por registros mentais, transportados para o papel em forma de escrita.

É o resultado de um exercício que alinha experiências vividas, conhecimento e formação profissional, entorno de uma trajetória já realizada, composta por inquietações e resoluções de conflitos, internos e externos.

Segundo Larrosa (1999, p 7) “para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós”.

Ao relatar fatos vivenciados, o protagonista da história constrói uma narrativa com novos significados, sendo uma representação dos fatos possíveis de transformar a realidade. Desta forma, registrou-se aqui as vivências e reflexões de uma professora que revisitou o seu passado para entender o cotidiano escolar, no período da pós pandemia.

Gil (2002) ressalta que tal pesquisa além de reunir umas informações estruturantes, permiti construir uma base conceitual sobre os interesses que circundam a pesquisa proposta.

A revisão de literatura, presente neste trabalho, baseou-se em estudos de autores que discutiram sobre educação, ensino e alfabetização, de acordo com pontos de vistas convergentes com o tema do referido artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da trajetória aqui relatada, muitas mudanças ocorreram em nossa vida de professora, com isso fomos buscando meios teóricos para adaptar-nos a novos conhecimentos e melhorarmos a qualidade do trabalho na sala de aula junto ao alunado, desta forma, contamos com a contribuição teórica de autores que fortaleceram o nosso entendimento sobre a educação, a alfabetização e o letramento.

Os problemas de ensinar são notáveis principalmente nas séries iniciais, onde a base do processo de ensino e aprendizagem encontra-se defasada. A complexidade do tema em estudo fica evidenciada na diversidade de fatores, sujeitos e aspectos a serem considerados: aluno, professor, recursos, estratégia, currículo, dentre outros.

O processo de ensino/aprendizagem em sala de aula ocorre com a troca entre professor e alunos, essa troca constante de ensino e aprendizagem necessita do empenho de ambos. Esse caminho, de mão dupla, vem incomodando o resultado final, ou seja, nas últimas décadas, e em especial nesse cenário de pós pandemia, são inúmeras dificuldades apresentadas pelos discentes e

o que vem contribuindo para os problemas de ensinar no cotidiano escolar? Discentes desprovidos de competências e habilidades necessárias referentes a idade/ano.

Para Freire (1996, p.26) ensinar exige rigorosidade metódica, seja ele educador bancário ou problematizador. Ele diz que:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo.

Faz-se necessário aos profissionais da educação buscar caminhos para que os discentes sejam capazes de construir conhecimento, saindo do âmbito passivo e para serem os protagonistas, ou seja, construtor de sua própria história e de seu conhecimento.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996) afirma que a educação é libertadora e está consiste em: problematizar, já não pode ser um ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos.

Tendo em vista que muitas escolas ainda são depósitos de conteúdo, isso consiste na má formação, que apesar de muitos profissionais estarem capacitando-se, a prática continua a mesma.

Pacheco, Moraes e Evangelista apud Romanowski (2007, p. 59-60) descreve saberes indispensáveis no trabalho docente dos professores, e estes podem contribuir de forma significativa na resolução dos problemas de ensinar, bem como na aprendizagem significativa dos mesmos, são eles:

Saberes Indispensáveis no trabalho docente	Conhecimento dos conteúdos;
	Conhecimento curricular e as concepções de ensino;
	Conhecimento dos alunos e suas características, incluindo o individual e em grupo;
	Conhecimento dos contextos educativos;
	Assumir o ensino como mediação;
	Modificar a ideia de uma prática disciplinar, fechada, para uma prática interdisciplinar;
	Conhecer e utilizar estratégias do ensinar a pensar, “ensinar a aprender a aprender”;
	Observar o contexto da sala, dos alunos, quanto à diversidade cultural, respeitando-os em suas diferenças;
	Investir na atualização científica pedagógica e cultural, ou seja, estar permanentemente em formação;
	Incluir a perspectiva afetiva no exercício da docência;
	Estar atento às possibilidades das novas tecnologias da comunicação e da informação, refletindo sobre seu emprego e possibilidades na

melhoria das aulas.

Fonte: Pacheco, Moraes e Evangelista apud Romanowski (2007, p. 59-60).

A escola é responsável pela integração e formação da criança na sociedade, a participação da família é parte essencial para esse desenvolvimento, promovendo a socialização e a interação da criança por meio de atividades em grupo, procurando a inserção do ser no meio social. Para que haja o desenvolvimento da aprendizagem na infância é necessário o envolvimento tanto no contexto escolar e como no familiar.

Neste período de pós-pandemia percebe-se com maior frequência uma distorção do que é a escola, de quais atributos são direcionados a ela, pois a maioria das famílias sempre depositaram a educação dos seus filhos na escola, onde a mesma não poderá fugir de suas responsabilidades, em termos de mediar e fazer, para que esse processo de ensino aconteça de forma eficaz e significativa.

As dificuldades de ensinar acentua os desafios na escola nos dias atuais, pois o professor nem sempre consegue realizar o seu trabalho, por diversos motivos: indisciplina, faltas constantes, falta de estímulos, desmotivados, desprovidos de habilidades necessárias para alcançar seus objetivos de alfabetização e letramento. Nota-se que as atividades que foram disponibilizadas durante a pandemia pela escola, não foram realizadas por 90% das crianças matriculadas.

No retorno às salas de aula, encontramos entraves visíveis para realizar o ensino presencial no ano letivo de 2022: salas superlotadas, direção e coordenação sem entender o cenário, carência de dados na secretaria da escola, falta de recurso pedagógico, falta de acompanhamento dos pais e outros.

A portaria municipal nº 001 de 11 de janeiro de 2022 do município de Monte Santo/Ba, disponibilizou informação não cumprida pela gestão escola, tal portaria dispõe sobre normas, procedimentos e cronograma para a realização de matrículas na Educação Básica na Rede Municipal de Ensino e Conveniadas. Neste documento se descreve o número de estudantes por classe, para cada nível e modalidade de ensino.

ENSINO	Nº	Nº
FUNDAMENTAL	MÍNIMO	MÁXIMO
1º, 2º e 3º ano	20	25

4 ^o e 5 ^o ano	25	30
-------------------------------------	----	----

Fonte: Portaria nº001 de 11 de janeiro de 2022 da Secretaria Municipal da Educação e Cultura.
Diário Oficial. Monte Santo/Bahia

Na prática, vemos outros cenários na escola, temos a turma do 1^o ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais com 38 alunos matriculados. A organização curricular de Monte Santo, traz especificidade local, mas, o mesmo não é colocado em prática, pois, a gestão escolar não conhece esse documento. Diariamente recebemos recados da coordenação/direção do que temos que fazer, sendo que este não condiz com a realidade cognitiva/motora dos estudantes, que em sua grande maioria 90% não sabem manusear lápis, recorte e outros, e não identificam as letras do alfabeto, tipos de letras, números naturais, etc.

Outro fator importante de se observar é a imaturidades de algumas crianças por várias demandas: baixa autoestima, criança poupada de tudo, que recebe tudo pronto, incapazes de abrir um pacote de salgadinho na hora da merenda, fazer a ponta de um lápis, tomar banho, sempre esperando que o adulto faça algo por ele e, completando o quadro, temos alguns sintomas de síndromes desconhecidas que não são notado facilmente na classe.

3414

Em nossa análise, apoiada em Ferreiro e Teberosky (1999), no 2^o ano 97% da turma estavam no nível pré- silábico e garatuja, e apenas 2 alunos do 2^o ano estavam no nível silábico, ou seja, sabiam identificar a sílaba oral de acordo com a grafia.

Com isso, apontamos mais desafios: sala de aula com excesso de alunos, que para o período de pós pandemia, o ideal seria 15 alunos; indisciplina/inquietação do aluno para se manter sentado, para ouvir, para interagir e para produzir; pouca participação das famílias; falta de habilidades e competências necessárias referente à idade/ano observadas nas ações de recorte, colagem, pinturas, identificação das letras e números, cores, formas. Ou seja, alunos não alfabetizados, não estimulados e não adaptados ao ambiente escolar.

Sabemos que o desenvolvimento humano se dá em uma dimensão social e histórica, dessa forma existe uma troca entre docente e aluno, com isso ambos tem participação na construção do desenvolvimento infantil, onde a criança vai conhecendo e transformando a si ao mundo em que vive. De uma forma histórica, cultural e social é que aprendemos, nos desenvolvemos e começamos a entender o mundo e as coisas que nos cercam, segundo Paulo freire (1996) a educação é uma força libertadora e transformadora do ser humano e da sociedade.

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação ressalta ainda, no Art. 1º que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Os problemas de aprendizagem no âmbito escolar perpassam gerações e continuam desafiando estudiosos, no processo de alfabetização e letramento, no ensino regular nas escolas públicas com crianças/alunos.

Conforme Romanowski (2007), o ofício de professor começou a muito tempo, no Egito Antigo e estava ligado ao uso do discurso e a boa oralidade era uma meta de ensino onde o educando devia preparar-se para ser membro de futuros conselhos. Já na Grécia Antiga, eram preparados para o uso da fala na política, e enfatizava-se a formação do homem culto. Os primeiros mestres foram os de música, ginástica, gramática e por fim retórico. A autora acrescenta ainda que na Idade Média, a educação tinha como finalidade formar cristãos, e só com a Reforma Religiosa do século XVI, produziram uma renovação no ensino: a difusão da fé em cada comunidade tornou-se fundamental.

Romanowski (2007) ainda afirma que a criação das escolas, para o preparo específico dos professores, está ligada as ideias liberais que apoiaram a institucionalização da instrução.

Nossa preocupação como professora dos anos iniciais é planejar aulas significativa, com estratégia e recursos para fixar conteúdos, mas na maioria das vezes os objetivos não são aliançados. Para que o aprendizado aconteça, faz-se necessário um olhar atento no cognitivo/afetivo/orgânico da criança. Conhecer o aluno previamente, sua realidade, nos assusta a falta de limites que há no ambiente familiar e a falta de respeito a figura do adulto e reflete no dia a dia da escola.

Na perspectiva de melhorar essa realidade, demos ênfase ao enfoque construtivista, pois está fundamentado nos estudos de Piaget e de Vygotsky (DE LA TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992), ambos estudados por Gardner (1995). Daí surge o desafio: como incluir essas crianças no processo de alfabetização e letramento?

O enfoque construtivista, fundamentado nos estudos piagetianos, compreende que o desenvolvimento é construído por interação entre sujeito e objeto, decorrendo das sucessivas transformações de esquemas internos. Lakomy (2008) destaca as contribuições construtivistas para quem ensina:

Aprendizagem requer do aluno reflexão, criatividade, participação de auto-
--

Enfoques Construtivista	organização das informações recebidas. Sendo assim, cabe ao professor permitir que os alunos gerem suas próprias hipóteses e testem a sua validade;
	Criar situações desafiadoras em contexto significativo ao aluno, permitindo que ele explore várias possibilidades, as contradições que fazem parte do processo de aprendizagem, são depois esclarecidas, exploradas e discutidas;
	A sala de aula deve ser vista como uma comunidade educativa engajada em atividades de discussão, reflexão e tomada de decisões. Os alunos, e não o professor, são responsáveis pela defesa, prova, justificativa e comunicação.

Fonte: Lakomy (2008)

Com base nos estudos de Lakomy (2008), destacamos os objetivos que uma escola necessita enfatizar:

- Proporcionar uma atmosfera favorável para uma aprendizagem baseada em objetivos claros e compartilhados entre os membros da comunidade educativa;
- Estimular o trabalho do professor em equipe, colaborando no planejamento, participando das tomadas de decisão, comprometendo-se com a inovação e responsabilizando-se pela avaliação e prática;
 - Adotar um currículo flexível, aberto a mudanças;
 - Estimular atividades baseadas na utilização de fontes primária de dados e material manipulável;
 - Perceber os alunos como agentes ativos e pensadores de teorias e hipóteses sobre o mundo;
 - Incentivar os professores a agirem, geralmente, de maneira interativa, sendo mediadores entre o meio e os alunos;
 - Proporcionar oportunidades para os alunos apresentarem seus pontos de vista para entender suas concepções e, assim, usá-las nas atividades subsequentes;
 - Valorizar as perguntas dos alunos;
 - Valorizar, em princípio, o trabalho em grupo;
 - Desenvolver uma forma de avaliação que também envolva as observações dos professores durante as aulas;
 - Promover oportunidades de formação permanente de professores relacionados com as necessidades da escola;
 - Buscar o apoio ativo de toda a comunidade educativa (inclusive dos pais) com o objetivo de facilitar as mudanças necessárias em direção às características assimiladas acima.

Fazem-se necessárias inúmeras mudanças no cotidiano escolar, para que os objetivos descritos acima sejam alcançados. Uma educação que ultrapasse os muros das escolas e desenvolva o ser humano em sua potencialidade, levando em conta que o conhecimento prévio é um requisito básico para que a criança se desenvolva em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios não são poucos, para combater a exclusão e promover a igualdade e a inclusão social, na escola da pós pandemia. É preciso colocar em prática as leis e decretos garantidos constitucionalmente e um trabalho multidisciplinar com apoio de outros profissionais: psicólogos, psicopedagogos e ou outros, bem como, estudos mais aprofundados, no município de Monte Santo BA, para melhor esclarecer ou tentar solucionar as necessidades do processo educativo.

Segundo a Lei Básica de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a educação deve ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana e o ensino público deve centrar-se na gestão democrática, cujos princípios são a participação de profissionais da educação na elaboração do projeto político-pedagógico da escola, cujo a participação das comunidades, tanto a escolar e como a local em conselhos escolares ou equivalentes. Desta forma, é impossível pensar em escola ou educação, sem pensar em todos os aspectos que constituem e constroem a realidade do alunado, ou que incluem sua condição social, saúde física e psíquica. Quanto a nós professores, necessitamos tomar cuidado para não padronizar nenhum comportamento que faça com que o aluno se sinta excluído ou inferior.

Necessitamos pesquisar, conhecer, dialogar, e recolher informações sobre os hábitos, costumes e situações da comunidade onde o aluno esteja inserido, para que possamos articular e construir metodologias e conhecimentos eficazes, com um plano de ação que estimule o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal. 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br>. Acesso: outubro de 2023.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Monte Santo. Bahia. Portaria nº001 de 11 de janeiro de 2022 da Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Diário Oficial. Monte Santo/Bahia. Edição 1295. 11/01/2022. Disponível em: <http://montesanto.ba.gov.br> Acesso : outubro de 2023

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos** Vol. 9, Nº 19 Porto Alegre, 2003

DE LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão** . São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, H. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S. A, 2002.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.